



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Proprietário da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. *Batalha* - Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Afalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VÓZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Metamorfose política

Pôsto que na atmosfera política portuguesa se operou uma mudança tam súbita e inesperada tão profunda — profunda, sim, senhores — é oportuno discretar um pouco, sem pretensões sábias ou proféticas, a respeito do futuro que ao país está reservado, sob os auspícios de uma governação nova, arranjada aliás com matéria prima de segunda mão. Uma pregunta ocorre *tout d'abord*: haverá possibilidades de manter-se presentemente em Portugal um governo, seja de que for, capaz de realizar obra valiosa, regularizando o que está irregular, endireitando o que está torto, desanuviando as perspectivas económicas da nação, afugentando a fome que nos espreita, estabelecendo na administração pública princípios de moralidade há muito esquecidos, compreendendo enfim o carácter especialíssimo do momento que decorre e conseguindo fazer se não tudo, que é impossível, pelo menos alguma coisa, o que já seria louvável e excepcional, no sentido de levar o país para a prosperidade de que ele vertiginosamente se afasta? Eis aqui a pregunta que primeiramente ocorre ao espírito de quem pretender desvendar, à força de raciocínios, o desconhecido que o futuro político encerra em si. Para nós, a resposta é fácil, e consubstancia-se numa negativa condicional, usando a difícil linguagem que modernamente se tornou corrente em jornalismo. Negativa porque descremos. Os defeitos do constitucionalismo ou do parlamentarismo, agravados até ao infinito num país corrompido como o nosso, onde os partidos se subdividem, multiplicam e degladiam em cota de mesquinhos interesses de predominio ou em torno de missas ambicções individuais, impossibilitam as actividades bem intencionadas, mantinhas-as, esmagando-as, tolhendo-lhes a marcha. Por outro lado, as competências faltam, e toda a tarefa a realizar só chegará a bom caminho com uma competência a guia-la. Ainda por outro lado, admitindo que o parlamento português se tornava o melhor de todos os parlamentos — e é o pior, santo Deus! —, consciente da sua missão, disposto a auxiliar empreendimentos de valia, esquecendo as velhas rixas indecentes; admitindo também que os homens competentes abundassem a ponto de andar a gente a topar com eles nos caixotes do lixo — ainda mesmo assim um governo bom seria impossível porque tam profundas estruturas são as reformas a efectuar que não as suportaria o decaído organismo nacional,

Deste modo a nossa negativa se confirma cabalmente. E, todavia, há restrições. E' que, se todos os governos são nefastos, uns podem só-lo em grau menor. Não são capazes de promover a felicidade dum povo, mas podem procurar não o infelicitar mais.

E de que maneira deveria proceder um governo ao qual este programa orientasse? Deveria

desistir por uma vez de impedir o inevitável, porque as pretensões impossíveis trazem ás vezes prejuízos graves. Deveria observar com serenidade a marcha e o aumento dum forte imensa que há pouco despertou: a força do trabalho. Deveria, finalmente, aguardar com resignação a hora da morte, como entidade inadaptable ás condições dum nova época, inspirada em novos princípios.

Decididamente ainda a melhor maneira de enriquecer-se é fazer-se numa pessoa — homem público...

Acaba a censura à imprensa?

A BATALHA entrevista o presidente do ministério

No intuito de nos interrogarmos acerca da atitude que o actual presidente do ministério estaria disposto a tomar em relação à *Batalha*, cuja publicação fomos forçados a interromper, mais uma vez, na terça-feira última, ante a sistemática perseguição que a polícia de segurança do Estado lhe vinha movendo, dirigiram-se, ontem, o redactor principal e o editor deste jornal ao ministro da justiça, onde tiveram uma entrevista com o dr. sr. Ramos Preta que imediatamente recebeu os representantes de *A Batalha*.

Expostos ao presidente do ministério as traculências de que *A Batalha* tem sido alvo por parte da polícia de segurança do Estado, a qual afirma que o seu procedimento em relação a este jornal tem obedecido a instruções que lhe hão sido dadas pelo governo, e informado o dr. sr. Ramos Preta que em face de tais violências foram forçados a interromper a publicação de *A Batalha*, estes redactores alias nunca se eximiram, nem eximem, a tomar, perante o poder competente, a responsabilidade do que aqui se escreve, inquiriram do actual presidente do ministério se achava legítimo o que se nos estava fazendo e de qual seria a sua atitude para com este órgão operário.

Não se mostrou o presidente do ministério de acordo com as medidas arbitrárias que têm sido adoptadas com *A Batalha*, antes nos afirmou ser um franco patriarca da liberdade de expressão de pensamento, entendendo que não é miserável sair fora da lei para punir quaisquer abusos. Assim declarou-nos o sr. ex- que em quanto se conserva no lugar que transitóriamente ocupa não só *A Batalha*, mas todos os outros jornais estarão simplesmente sujeitos as sanções legais, que em seu critério são bastantes.

Por último, tendo nós registado os palavras do presidente do ministério e declarado que, em face delas, íamos fazer reaparecer *A Batalha*, porque se nunca fugimos a assumir a responsabilidade do que escrevemos perante os tribunais, repugna-nos todavia estar sujeitos ao estreito e arbitrário critério da polícia, pediu-nos o sr. ex- que volvessemos a publicar desde já o jornal com a segurança de que, em quanto estiver no poder, não será *A Batalha* violentamente impedita de circular.

Significam estas palavras do actual presidente do ministério, que é um homem do fogo, que vai deixar de ser exercida a odiosa censura policial sobre uma parte da imprensa de Lisboa, e pôr termo a tam repugnante regime de mordânia não significa um favor, mas regressar ao cumprimento das leis que regulam a liberdade de imprensa, cujo exercício só em Portugal podia estar dependente do critério policial.

NOTAS & COMENTARIOS

Ricos... Continuam a vir à suposição os escândalos com os fornecimentos das obras do Estado, assim se explicando que indíviduos que pouco não tinham de reis para mandar cantar um cego hoje nos aparecem como novos ricos. Fato idêntico se verifica em relação a vários sujeitos cuja passagem pelo negro antro das substâncias foi bastante a dar-lhes uma abastança que não lograram se fizessem permanecendo amarrados à abandona proliferação.

Decididamente ainda a melhor maneira de enriquecer-se é fazer-se numa pessoa — homem público...

Trabalhai... Esfalfam-se os nossos incommensuráveis parlamentares a pregar a necessidade de que se trabalhe muito e se trabalhe bem para que este pobre país se transforme numa rica região. Fazem, porém, como Frei Tomás... E ainda agora vem de verificar-se a inconsequência que caracteriza não só os parlamentares como os governantes, posto que uns e outros promoveram na semana que decorre dois feriados: um na terça-feira e outro ontem.

Não há dúvida que isto progride...

Charada — Já lste?

morta — É lá.

— Confesso que...

— Confessas que não percebes, é o que é!

— E tu?

— Percebo à maravilha, ora aí está...

— Fazes-me ralar com isso, sabes?

— E' de crer, posto que não decisificaste ainda. Mas olha que a causa mata-se à primeira vista.

— Pode ser, mas eu... Repara que

falas com quem já digeriu Nietzsche, Hume, Espinosa e Kant, Avverso e Nunes da Mata. Mas isto não vai. E filosofia demasiadamente gaga. E crê que ficaria extremamente agradecido se fizesses chegar até mim um pouco das tuas lulas.

— Não tem nada que saber. E' que

isto é eleva uma falta alitiva...

— ?

— ...falta que obriga a muito...

— ...falta que torna complicadas as filosofias de cada qual...

— ...falta que leva muita gente boa a preencher com larachas retorcidas e belicoidais, pretendentes profundas, aqueles quartos de papel que é preciso forçosamente preencher.

— Mas que falta, homem de Deus? Explica-te de vez!

— A falta de assunto, ora ai tens. E

fica sabendo ainda que as banalidades expressas dum modo obscuro podem muito bem fazer a celebridade dum homem...

As relações com a Rússia

A Inglaterra vai reatá-las

LONDRES, 10.—Notícias particulares dizem que as dificuldades preliminares que impediam o reatamento das relações comerciais com a Rússia foram agora removidas, parecendo que para as primeiras condições de pagamento serão a permuta de mercadorias por ouro ou platina. —Rádio.

A Irlanda agitada

Prosseguem os conflitos

LONDRES, 10.—Ontem à noite houve novo encontro entre os voluntários de Ulster e 50 siún-feiners em Lisboa, havendo feridos de parte a parte.

—Rádio.

CONFRONTANDO

* JURADOS E JUIZES *

À margem da Justiça...

QUE É FEITO DO "LOCK-OUT"?

O CONFLITO ENTRE OS QUADROS CRAFICOS E AS EMPRESAS JORNALÍSTICAS

iniciado há dois meses, ainda não está solucionado, permanecendo no mesmo pé

Porquê?

Por culpa dos gráficos, Por culpa das empresas, Porque o governo o alimenta?

E' do domínio do público o conflito entre os quadros gráficos e algumas empresas jornalísticas e não obstante ver ocupados os lugares dos componentes dos quadros gráficos por militares, tem-se esforçado sempre por sejam mantida a maior serenidade, não tendo, pois, responsabilidade nos referidos actos de *sabotage*.

Quanto às reduzidas empresas que se esforçam por manter o tam ridículo *lock-out*, essas continuam demonstrando que só o desprô pelos seus próprios interesses, mas também o vive desejo de protecer tam demorado conflito até que o bom-senso lhes chegue a demora das suas injustificáveis pretensões, acordando com os seus operários num honrosa solução do conflito.

Quanto ao governo, tem também despesas responsabilidades na demora da solução do conflito, mantendo indevidamente nos lugares dos operários os tipógrafos militares quando, actualmente, razão alguma pode justificar tal ilegalidade.

Esta razão filia-se no facto do conflito entre os quadros gráficos e algumas empresas jornalísticas, que só obtem a sua solução quando é decretado um lock-out.

Assim, já aceitou a organização apresentada pela Federação do Livro e do Jornal, depois das suas transições, a maioria dos jornais diários.

Desligaram-se do *lock-out* e, portanto, do respectivo *meneur*, que é, além de jornalista, director de um estabelecimento do Estado, co-proprietário de uma agência de anúncios e... moagem — um autêntico novo rico — os seguidos jornais: *O Jornal do Comércio* e das Colónias, *O Tempo* e *O Popular*, devendo reaparecer hoje também, desligados do *lock-out*, *A Situação* e *O Debate*, que igualmente aceitam a organização.

Já aqui demonstrámos claramente que tal afirmação não assenta em bases sólidas, pois não se pode admitir que as empresas jornalísticas venham por um lado dizer que não podem atender as reclamações dos gráficos quando, por outro lado, se verifica que aos tipógrafos-militares pagam, como o *team feito* há quasi dois meses, o dobrô dos vencimentos reclamados.

Não tem havido, pois, por parte de um reduzido número de empresas jornalísticas senão a intenção de ameaçar e espantar um punhado de operários que, com tamanha dignidade, tem sustentado uma luta tan desigual e tam demorada.

Firmadas essas empresas no amplo deputado, que lhes tem fornecido tipógrafos-militares, julgam-se elas ainda fortes para prosseguirem numra luta que em nada as tem dignificado.

E a luta prossegue, tendo a alimentado sómente o capricho dum *meneur*, que tem a pretensão de esmagar uma classe que espera ver rendida pela forma — como o tem afirmado — o auxílio que o governo lhe impõe mantendo ilegalmente, a dentro das oficinas particulares, os tipógrafos-militares, procedimento que só seria admissível no caso do conflito se verificar entre os operários algum estabelecimento do Estado.

Quem são, pois, os fomentadores do actual conflito?

Os tipógrafos? As empresas jornalísticas? O governo?

Quanto aos tipógrafos, tem estes mostrado, já por três vezes, o seu espírito de transição, procurando dar ao conflito uma solução, e se dois actos de *sabotage* foram já praticados — o primeiro aliás não provado, tudo parecendo indicar que dum *true* se tratou, o segundo ainda por esclarecer — não são elas da responsabilidade da classe. Trata-se de actos individuais, posto que

os seguidos jornais: *A Monarquia*, *A Luta*, *A Opinião*, *O Mundo* e *A Época*... os seis últimos publicando-se actualmente, mas compostos por militares e dispêndendo, como já ficou dito, mais do dobrô dos salários reclamados pelos seus operários.

E assim a luta continuará, segundo tudo o demonstra, manifestando o reduzido número das empresas ainda coligadas um capricho tolo — pois que só a um capricho se pode atribuir a sua teimosia — ao passo que os quadros gráficos continuam mantendo, com a maior firmeza e com um moral excelente, as suas justas reivindicações.

A arte e os artistas

Exposição futurista de Almada Negreiros

O futurismo é uma Arte perseguida. Não pela censura prévia, como nós, mas pelas risadas dos que a não compreendem ou não querem compreender. O futurismo, apesar de ser uma nova modalidade da Arte, já tem apóstolos como Marineti e suicidas como Mário Carneiro. E' uma nova técnica, uma maneira recente de interpretar a natureza, tam diferente da usual que todo aquele que, desde tenra idade, amoldou o cérebro e o sentimento ás banais correntes, que aquela que espera ver rendida pela forma — como o tem afirmado — o auxílio que o governo lhe impõe mantendo ilegalmente, a dentro das oficinas particulares, os tipógrafos-militares, procedimento que só seria admissível no caso do conflito se verificar entre os operários alguns estabelecimentos do Estado.

Sucedeu isto porque o futuro é geralmente papéis que não tendo a menor importância para a polícia, a team feito, nem para os detentores, posto que, por vezes, alguns daqueles papéis pertencentes a organismos operários, encontrando-se, em regra, na mão dos referidos trabalhadores por virtude deles desempenharem cargos nos respectivos organismos.

Seria natural que uma vez restituídas a liberdade e a fraternidade, quando vão, a título preventivo, prender os militantes operários — o que sucede com frequência desde que vigoriza este regime de liberdade e fraternidade — passam buscas nos respectivos domicílios, a pretexto de encontrarem, sem dúvida, dinamites ou armas. Porém, sendo rarissimo encontrar em casos os operários que usam armas, é sempre o mesmo. A revolução é feita pelo exagero, pela superstição, a excesso.

Assim sucede com os papéis entre os quais vários recibos pertencentes a C. G. T., que a polícia apreendeu há tempos em casa do nosso camarada Alfredo Neves Dias, quando ali o foi capturado e não se sabe porquê — porque não reclamaram os papéis que tendo sido reclamados e várias vezes variadas de quem os possuía, não porque tenham qualquer importância para a polícia, mas porque esta se julga no direito de os inutilizar.

Assim sucede com uns papéis entre os quais vários recibos pertencentes a C. G. T., que a polícia apreendeu há tempos em casa do nosso camarada Alfredo Neves Dias, quando ali o foi capturado e não se sabe porquê — porque não reclamaram os papéis que tendo sido reclamados e várias vezes variadas de quem os possuía, não porque tenham qualquer importância para a polícia, mas porque esta se julga no direito de os inutilizar.

Enquanto que a expedição produzida pelo futuro, com as suas obras exóticas, excentradas, a mesma que o realismo literário provocou ao romper definitivamente com o romantismo, é mesma sensação causada pelos quadros de Courbet e Puvis de Chavannes e, já recentemente, pelo impressionismo de Bernard.

Quais todas as novas concepções artísticas que se querem impôr, trazem revolução. Há revolução nos vários sistemas artísticos, como a há na estrutura económica dum regime ou nos ideais políticos dos povos; o fundo renovador é sempre o mesmo. A revolução é feita pelo exagero, pela superstição, a excesso.

Zola, na literatura realista, foi exagerado; Courbet e Manet, no realismo pictórico, excederam-se; Rodin marcou pela força a sua personalidade, influenciado pelo seu genio uma geração de escultores mediocre, que em Portugal, há muitas amostras; Bernard escandalizou Paris e, não há muito tempo, o cubismo de Conchae, fez rir os nossos conservadores.

A perseguição obrigou Negre

A CARESTIA DA VIDA

E' um problema que só com a transformação da sociedade se resolverá

Nada resolve o problema da carestia da vida a não ser um programa largo, bem estudado e posto em prática pelo proletariado.

E' a única solução que virá pôr termo a esta situação que dia a dia se agrava, não só entre nós, mas através de todos os países. Não há, nem haverá, melhorias de situação para a imensa classe trabalhadora.

As melhorias, se melhorias a isso se pode chamar, essas vão incidir sobre um resumido número de indivíduos, que saltam de repente e a cada passo para o lado de lá da barricada, mas essa minoria só faz pensar cada vez mais o prato da balança dos bens comidos.

Quanto que o número dos descontentes sente que cada vez a sua situação é mais precária e instável. Se não tinha, pôr não tem, e cada vez ele lhe falta mais.

As riquezas sociais são as mesmas das só os metas ouro, prata, etc., imodados porque com elas se arrancam os povos todo o fruto das suas canhais. Esses metais, pelas circunstâncias presentes estão passando de todo à mão dessa minoria que está no outro lado da balança. Nós, somos no mundo os habitantes dum dos dois únicos lados da balança do equilíbrio social; de sorte que quanto mais passar do nosso prato para o prato vizinho, maior o nosso mal-estar, mais alto fica o prato e mais formidável é a queda.

A burguesia, que nos fica do lado oposto, está cada vez mais avessa, e é cada vez composta de gente mais estúpida. Essa gente não é além da sua timidez moral. Era só egoísmo.

Tremenda de ambições, só resta erguer no seu lugar uma sociedade de sã moral para ela se esborrar; e nada mais temos neste momento a fazer do que iniciar esse vasto trabalho. As greves serão alguma coisa ainda, mas no caminhar que seguimos, se elas tivessem em mira só os assuntos de salário, dentro de breve seriam necessárias todas as quinzenas.

E' preciso coisa mais substancial, coisa mais profunda. E' necessário começar a organizar o sindicato, profissional como é de ter de ser na próxima sociedade, dando-lhe as bases constitutivas bem ensaiadas ao lado da combatividade já experimentada, dizendo desde já a cada sindicato que chegar o momento de começar a organizar a nova sociedade em que cada um vai ter, finalmente, para que seja completo o direito de viver, um consequente dever de trabalhar.

Não há outro caminho. Por mais que a burguesia queira, ela não fará que possa mudar a face actual das coisas para tornar a vida menos má. Isso só se fará mudando de sistema e ela não pode mudar o sistema como é preciso. Ela não confessa a sua impotência, mas deixa que nós a vejamos. Todas as reformas que tem tentado são falhas, não dão nada. A lei... a própria lei já se desmorolou.

No sistema burguês, ela que parece vir beneficiar o povo, só incide sobre uma parte mínima, porque o interesse de A está em contraposição ao de B e por isso já não é lei o que lei parecia.

Não pode mudar para melhor o que afastá. Nós estamos num beco sem saída e só a nós compete procurar sair dele, daquela maneira que nós vimos afirmando há tantos anos, para uma sociedade melhor. Fugindo a um futuro caótico, começemos desde já, dando aos sindicatos a sua verdadeira função para que eles amanhã chamados a cumprir a sua missão, o façam o mais completamente possível, que é essa a única maneira de resolver o actual problema económico, que só a transformação social solucionará agora em parte e mais tarde no seu todo.

O comício em Evora

Realiza-se no próximo domingo

seja alguém e não vemos senão párias os militares?

Fazemos de conta que nada disso existe. Fantasiemos que tudo é de todos e que só resta dispor os elementos para encetar a luta polo bem comum.

Tudo que alí está é insubstancial e de quando em quando a rajada social o fará vergar até vir rastejar na terra. Se estivesssemos preparados poderíamos aproveitar esses momentos. Para isso, porém, precisamos começar desde já a iniciar trabalhos dum "ordem nova".

Só trabalhos para ficar, trabalhos construtivos. Não é preciso destruir muito mais. Está destruído o principal.

Essa sociedade que alí está, mascarada por uma grossa camada de egoísmo, deixou cair, à força dos golpes da piaceta social, essa casca: e no descarnado que se segue, se elas tivessem em mira só os assuntos de salário, dentro de breve seriam necessárias todas as quinzenas.

E' preciso coisa mais substancial, coisa mais profunda. E' necessário começar a organizar o sindicato, profissional como é de ter de ser na próxima sociedade, dando-lhe as bases constitutivas bem ensaiadas ao lado da combatividade já experimentada, dizendo desde já a cada sindicato que chegar o momento de começar a organizar a nova sociedade em que cada um vai ter, finalmente, para que seja completo o direito de viver, um consequente dever de trabalhar.

Não há outro caminho. Por mais que a burguesia queira, ela não fará que possa mudar a face actual das coisas para tornar a vida menos má. Isso só se fará mudando de sistema e ela não pode mudar o sistema como é preciso. Ela não confessa a sua impotência, mas deixa que nós a vejamos. Todas as reformas que tem tentado são falhas, não dão nada. A lei... a própria lei já se desmorolou.

No sistema burguês, ela que parece vir beneficiar o povo, só incide sobre uma parte mínima, porque o interesse de A está em contraposição ao de B e por isso já não é lei o que lei parecia.

Não pode mudar para melhor o que afastá. Nós estamos num beco sem saída e só a nós compete procurar sair dele, daquela maneira que nós vimos afirmando há tantos anos, para uma sociedade melhor. Fugindo a um futuro caótico, começemos desde já, dando aos sindicatos a sua verdadeira função para que eles amanhã chamados a cumprir a sua missão, o façam o mais completamente possível, que é essa a única maneira de resolver o actual problema económico, que só a transformação social solucionará agora em parte e mais tarde no seu todo.

M.A.X.

Ex-mº Sr. — O operariado é o povo de Evora, reunidos em comício público a favor de protestarem contra a sentença que condenou 111 trabalhadores pela falsa e infusa acusação de fazermos parte dumha associação de maiores, dirigem-nos a v. ex. e a todos os juizes do tribunal da sua presidência a reclamação de que se não era no tribunal de primeira instância.

Os onze indivíduos condenados—cinco deles a pena maior de 2 anos ou, na alternativa, de três anos e quatro meses de degredo, e seis a prisão correccional de um ano, foram julgados no dia 10 de Junho, na mesma prolação feriu movida por alguns proprietários desta região, que merece duma intriga cheia de maldade e fúndida, a tirar com 31 homens horados para uma cadeia, acusando-os de maiores.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Os onze indivíduos condenados—cinco deles a pena maior de 2 anos ou, na alternativa, de três anos e quatro meses de degredo, e seis a prisão correccional de um ano, foram julgados no dia 10 de Junho, na mesma prolação feriu movida por alguns proprietários desta região, que merece duma intriga cheia de maldade e fúndida, a tirar com 31 homens horados para uma cadeia, acusando-os de maiores.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

Este juiz, que durante durante oito dias, sendo ouvidas cerca de 160 testemunhas, Nada nesse julgamento se provou ou escusou, rejeitou a existência do crime principal, ou seja da pretensa associação de maiores, e determinou que se não fosse no tribunal de primeira instância.

A BATALHA

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliários completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sacatas, trapos, papel e lâs. 5% de desconto aos assinantes de *A Batalha*.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

Renascença Lusitana

Travessa de Santa Gertrudes 62, 1º

Convoca a Assembleia Geral ordinária a reunir na sede da Associação em 21 de junho, pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos: 1.º Apresentação, discussão e votação das contas da gerência do ano findo e parecer do Conselho Fiscal. 2.º Resolver sobre a atitude dos médicos e propostas da Direção. Conforme perceber o artigo 37 dos Estatutos as contas relativas a essa gerência estão patentes aos sóciros, durante 15 dias às segundas, terças e sábados das 20 às 21 horas. Não podendo ter lugar a reunião da Assembleia neste dia fica desde já convocada a nova reunião para 29 de junho mês à mesma hora e local.

Lisboa, 4 de Junho de 1920.

O Presidente da Mesa

João Feliciano de Gouveia.

ALFAIATARIA DO MUNDO CHIC

Confecciona com a máxima perfeição económica, FATOS para HOMEM e VESTIDOS para SENHORA.

Acelta fazendas ou fornece linhas padrões.

Preços sem competência

RUA DO MUNDO, 66

(Em frente do jornal)

LISBOA



Africa occidental

Vapor «Mossamedes»

Sairá no dia 15 de Junho para os portos do costume tocando em R. Velha.

Africa oriental

Vapor «Africa»

Sairá brevemente para Loanda, porto do Congo com baldeação em Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angra, Porto Amélia, Ibo e Tungue com transbordo.

Para carga e quaisquer esclarecimentos dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.

No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO

Rua de Alcântara, 37

SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliários completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala. Sacatas, trapos, papel e lâs. 5% de desconto aos assinantes de *A Batalha*.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

Renascença Lusitana

Travessa de Santa Gertrudes 62, 1º

Convoca a Assembleia Geral ordinária a reunir na sede da Associação em 21 de junho, pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos: 1.º Apresentação, discussão e votação das contas da gerência do ano findo e parecer do Conselho Fiscal. 2.º Resolver sobre a atitude dos médicos e propostas da Direção. Conforme perceber o artigo 37 dos Estatutos as contas relativas a essa gerência estão patentes aos sóciros, durante 15 dias às segundas, terças e sábados das 20 às 21 horas. Não podendo ter lugar a reunião da Assembleia neste dia fica desde já convocada a nova reunião para 29 de junho mês à mesma hora e local.

Lisboa, 4 de Junho de 1920.

O Presidente da Mesa

João Feliciano de Gouveia.

ALFAIATARIA DO MUNDO CHIC

Confecciona com a máxima perfeição económica, FATOS para HOMEM e VESTIDOS para SENHORA.

Acelta fazendas ou fornece linhas padrões.

Preços sem competência

RUA DO MUNDO, 66

(Em frente do jornal)

LISBOA

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir diretamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ruas Mateo & Borges, S. res 249
67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta
Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:000 caixinhas (25 grossos):

Fósforos de enxofre 36\$00 ou \$01 por caixinha ditos Amoros, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10%0, seja qual for o número de grossos pedidos.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

A CATEDRAL

Romance de arte social, original do camarada

Manuel Ribeiro
300 pags. — \$150

A' venda na administração de A BATALHA

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Comissão de Beneficência da freguesia de Santa Catarina

Edifício dos Paulistas — LISBOA
AVISO

Convoco os srs. subscritores a reunir no dia 13 de Junho próximo, pelas 13 horas, para tratar da eleição dos corpos gerentes que devem funcionar no triénio económico de 1920 a 1923.

Não comparecendo o número legal de subscritores, fica desde já convocada nova reunião para o dia 20, à mesma hora.

Sala das sessões da Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Catarina, em 9 de Junho de 1920.

O Presidente da Assembleia Geral Henrique Afonso Lopes

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho

Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSELHO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 4

PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

82

CHAPELARIA

Vluva de Manuel da Costa Marques & C. Limitada

Rua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-
CRITÓRIO

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir diretamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Ruas Mateo & Borges, S. res 249
67, Rua do Bomjardim, 69 — PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C. ta
Rua da Alfândega, 92 — LISBOA

sendo os preços por caixote de 3:000 caixinhas (25 grossos):

Fósforos de enxofre 36\$00 ou \$01 por caixinha ditos Amoros, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10%0, seja qual for o número de grossos pedidos.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139 — LISBOA.

JANOTAS???

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato???

Só na ALFAIATARIA JANOTA.

Onde se viram fatos e sobretudos ficando como novos, baratos e no rigor da moda. Especializado em obra de cinto, variado sorteio de fazendas a preços resumidos.

Rua do Sol, 215, Ilha e 3º andar esquina S. João dos Bembeiros — (Eletrofísica à porta, carro de Estrada) — Postal a S. Madalena. (133)

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa — Telefone C. 4.317

10, Rua da Nova Alfândega, Porto — Tel. 2.192

Sociologia

Adolfo Lima — O contrato de trabalho

Antonelli — A Rússia Bolchevista

Albert — O amor livre

A. S. Simões — Questão Operária e o Sindicato

Briand — A Greve Geral

Buchen — Na aurora do Século XX

Campos Lima — O movimento operário em Portugal

Dufour — O sindicalismo e a próxima

Marx — O capital

Molinari — Problemas sociais

M. Pierrot — Sindicaismo e Revolução

Emile Pouget — A confederação geral do trabalho

Emílio Costa — Ação direta e ação legal

Fraser — A Rússia Vermelha

Fabre Ribas — O Socialismo e o conflito europeu

Grave:

A anarquia — Fins e meios

A sociedade futura

O individuo e a sociedade

Grieguilles — A Accão Sindicalista

Guedes — Os assalariados

Guyau — Ensaios de uma moral

H. Salgado:

A ciéncia e a religião

Mentiras religiosas

Hamon:

A conferência da Paz e a sua obra

As lições da guerra mundial

Psicologia do militar profissional

Psicologia do socialista-anarquista

Socialismo e Anarquismo

A conquista do pão

As casas e grupos editores, a administração precisa que se encareça da veracidade, a consignação, de todos os livros e folhetos que editem e cuja leitura possa ser recomendada por A Batalha

A grande revolução (2 vol.)

A grande revolução (2